

LITERATURA E CORPO: UMA INTERFACE ENTRE EXPERIÊNCIA E FENOMENOLOGIA

Ana Paula Cecato de Oliveira
(PPG-Letras/UNIRITTER)

Luis Alberto Flores Lucini
(PPG-Letras/UNIRITTER)

RESUMO: A ideia central deste trabalho é desenvolver a percepção da literatura não apenas como representação da realidade, mas antes como experiência sinestésica. Dessa forma, consideram-se as possíveis intervenções do corpo de quem lê, tomadas por um novo sentido incorporado no ato da leitura. Pretende-se analisar a experiência da leitura como um fenômeno que ultrapassa as linhas do próprio texto quando em contato com o leitor. Trata-se de tomar o corpo do leitor não simplesmente como mediador físico da prática literária, mas como participante sensorial, em que o corpo é tocante e tocado, aproximando-nos, desta forma, das teorias de Walter Benjamin e Merleau-Ponty.

Palavras-Chave: Literatura – corpo – experiência - fenomenologia.

O modo como o homem lida com seu corpo, sua corporalidade, seus movimentos, sua expressividade integra um acordo social que está pontuado por uma esfera cultural constituída por signos convencionados que conferem um sentido para cada expressão. As reflexões de Walter Benjamin, em seus ensaios *Sobre a linguagem em geral e Sobre a linguagem humana*, nos colocam a linguagem como algo pré-existente no ser humano, sendo esta um sistema social. Benjamin afirma que “toda e qualquer comunicação de conteúdos é linguagem” (BENJAMIN, 1992, pág. 180), não a limitando apenas à comunicação através da palavra, mas como algo que tudo compreende:

Não há acontecimento ou coisa, seja na natureza animada, seja na inanimada que, de certa forma, não participe da linguagem, porque a todos é essencial a comunicação do seu conteúdo espiritual. (BENJAMIN, 1992, p.177)

Para este teórico, a concepção da linguagem está imbuída de alguns aspectos, que, de forma econômica, podemos dizer que são: a linguagem humana como um dom divino, a linguagem como gesto, som e caráter imitativo, a linguagem muda das coisas e a busca da tradutibilidade da essência espiritual das coisas. Benjamin ilustra e apoia sua teoria nas artes, compreendendo que a obra de arte contém uma comunicação de caráter único e independente de quem a aprecia, o que a torna autônoma e com sentido próprio. Entretanto, é na relação e interpretação que ser humano e obra se

completam, é no espaço vazio e aberto deixado pela produção artística que o sujeito se acomoda e acomoda sua visão, sua concepção faltante de mundo. Nesta hora, o ser tem condição de fugir da repetição do cotidiano, do que lhe está entregue de forma pronta, pois sua sensibilidade lhe oportuniza reinterpretar a obra cada vez que a admira, trazendo uma possibilidade de contato renovado com a essência das coisas.

A linguagem funciona como mediadora da relação do homem com seu mundo, sendo assim, apenas na linguagem o homem confere sentido à realidade das coisas: “O nome que o homem dá a coisa assenta no modo como ela se lhe transmite.” (BENJAMIN, 1992, p.189). A Literatura, enquanto discurso cuja força criadora se encontra na multiplicidade de sentidos oferecidos ao leitor através da palavra, potencializa uma ressignificação do dizer. Ainda que em seus escritos Benjamin não nos ofereça uma definição para a arte literária, podemos considerar que, para o autor, “A literatura surge como revelação do instante, aquilo que reveste a linguagem enquanto memória e inconsciente de uma unidade e transparência efetuadas por imagens.” (MAIO, 2008, p.1) A fim de experimentarmos (ou mais sinestesicamente, percebermos) a construção imagética proposta por Benjamin (inclusive como método de sua própria escrita), apresentamos o poema *A laranja*, de Sérgio Caparelli, publicado em sua obra *Poesia de bicicleta* (2009):

A laranja, em túrgidos gomos,
Oferece-se, atrevida, à boca
Que recolhe a trama da doçura
Que existe nesse instante fecundo
De laranja, de polpa e sumo,
Em um milésimo de segundo. (CAPPARELLI, 2009, p.36)

Este poema nos leva a uma reflexão sobre a ação de experimentar de maneira tradicional, comer a fruta em sua natureza, possível somente em sua versão rústica, primitiva de comer o fruto. Sentir o ar e o aroma da fruta *in natura*, o subir na árvore para apanhá-la, o equilibrar-se, a aventura de escolher e retirá-la da natureza, experimentar o ato de descascar uma cítrica fruta, como a laranja ou a tangerina, e sentir o arder do olho exposto ao líquido que salta de sua casca. Comê-la de forma degustativa, sentir o romper dos gomos e o suco espalhando-se pela boca, que se retrai pela sensação ácida no

primeiro instante. Sentir também o gosto doce tomar maior proporção do que o cítrico no momento seguinte, aliviando a tensão dos músculos da face, ao ponto de se buscar mais desta sensação, repetindo o gesto. Tal experimentação torna-se tão mais rica em vivência quando comparada à experiência do menino moderno, com ações moldadas pelo tecnológico, que já aprecia o suco da fruta de forma industrializada, comprando, abrindo a caixa e servindo-se. Assim, de modo prático, podemos pensar, nesta relação de viver, sob o olhar da teoria benjaminiana, que uma condição mais rústica, como a do menino do meio rural, deva ser mais rica e poética como experiência, tem uma relação mais intensa com a natureza das coisas, obtém contato direto com aquilo que nas coisas estão, sua natureza mística, sua “alma”. É nesta natureza que, segundo o filósofo, encontraremos a essência espiritual das coisas, presente em sua linguagem (forma, matéria, signo lingüístico). Tudo o que é criado é linguagem, e toda linguagem comunica-se a si mesma, em sua “magia” é que se encontra uma concepção espiritual.

A partir desta ideia, configura-se outra, também benjaminiana, de experiência. A experiência consiste numa comunicação oral que sucede à ação e vincula-se ao saber compartilhado pelos mais velhos aos jovens, o qual chama, em escritos de sua juventude, de “máscara do adulto”¹. No contexto da guerra, período em que escreve o ensaio *Experiência e pobreza*, ocorre a crise da experiência, pois as narrativas não são mais passíveis de serem contadas de boca em boca. A propósito, em *Sobre a linguagem em geral* Benjamin tangencia essa questão, ao falar que em “em toda tristeza reside a mais profunda tendência para a ausência de linguagem” (BENJAMIN, 1992, p.194). Outro fato que empobrece a experiência é o “monstruoso desenvolvimento da técnica”, tendo na difusão da informação seu expressivo acontecimento².

¹ Ver ensaio “Experiência” no livro *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Em nota de rodapé deste ensaio, lê-se o comentário de Benjamin em 1929 sobre este texto, escrito em 1913: “Num de meus primeiros ensaios mobilizei todas as forças rebeldes da juventude contra a palavra ‘experiência’. E eis que agora essa palavra tornou-se um elemento de sustentação em muitas de minhas coisas. Apesar disso, permaneci fiel a mim mesmo. Pois o meu ataque cindiu a palavra sem a aniquilar. O ataque penetrou até o âmago da coisa”. (BENJAMIN, 2002, p.21)

² Ver ensaio “O narrador”.

Nesta conjuntura, o interpretante perde contato com a “infinidade” da definição, distante de um fechamento conceitual, pois assim, o sujeito que experimenta obtém maiores e mais “ricas” possibilidades de interpretação, que se produz na linguagem e não pela linguagem. Assim, de acordo com Walter Benjamin, pode-se libertar a linguagem de um simples caráter instrumentalista.

Em suas reflexões, o autor coloca que não podemos apenas deixar-nos impregnar por uma percepção filosófica de mundo sem ter um real interesse por este mundo presente, posto e colocado e que também nos define. Um mundo que se coloca aquém de nosso simples engajamento por um olhar convencional sobre as coisas, mas se apresenta como um fenômeno relacional. Nossa existência está alienada ao mundo de forma estreita e íntima ao ponto de conhecer-se desta forma no momento em que nele se lançamos, vivemos e participarmos de sua facticidade.

Examinar a essência do mundo não se reduz a examinar apenas suas ideias formatadas, o que nos é apresentado como acordo, mas investigar aquilo que de fato ele é para nós, pois visamos e percebemos o mundo para além de um estado de consciência. Olharmos o mundo de forma não reduzida a um idealismo de signo, mas apreendê-lo em uma visão fenomenológica, perceptiva em um jogo conceitual entre o imaginário e o real, o objetivo e o subjetivo. “Merleau-Ponty se encarrega de atribuir um estatuto à existência que é essencialmente corporal” (CARDIN, 2009, p.87). Com o objetivo de se revelar, aquém da dicotomia do sujeito e do objeto, traz uma terceira dimensão não mais contraditória, mas perceptiva, aonde inicialmente o corpo aparece como mediador desta relação com o mundo e com as coisas.

Descrevemos o mundo segundo nossa percepção, aquilo que inaugura nossa ideia de verdade. Assim expressa o autor: “Portanto, não é preciso perguntar-se se nós percebemos o mundo, é preciso dizer, ao contrário: o mundo é aquilo que nós percebemos.” (MERLEAU-PONTY, 2011, p.13) E diz ainda:

“O mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável.” (MERLEAU-PONTY, 2011, p.14)

Merleau-Ponty ressalta a vivência no mundo como forma inesgotável de relação, aberto para interpretações entre aquilo que é e aquilo que

percebemos. A fenomenologia apresenta-se como revelação do mundo, fundada em si mesma, sua incompletude ou inacabamento não caracterizam insucesso de sua teoria, mas ao contrário, mostra-nos o quanto ela se afina com o humano, na sua tarefa de desvelar os mistérios do mundo, da razão, das coisas por sua vivência, pela experiência. Merleau-Ponty nos traz que para compreendermos a percepção passamos para a compreensão de que existe sempre “algo” perceptível e este está sempre no meio de algum elemento, faz parte de um chamado “campo”. Mas é por intermédio do experimentar que temos acesso ao “campo” perceptível, uma correlação com o objeto ou o meio, este é o caminho para “obtermos” as coisas. As coisas por si são elas mesmas, é na relação que nos apropriamos delas, obtemos as cores, vendo-as, obtemos os sons, escutando-os, pois sentir é obter as qualidades, como nos evidencia o autor :

O vermelho e o verde não são sensações, são sensíveis, e a qualidade não é um elemento da consciência, é uma propriedade do objeto. Em vez de nos oferecer um meio simples de delimitar as sensações, se nós as tomamos na própria experiência que a revela, ela é tão rica e tão obscura quanto o objeto ou quanto o espetáculo perceptivo inteiro. (MERLEAU-PONTY, 2011, p.25)

Apoiando-se em Cardin, podemos ainda dizer que:

Se o corpo nos constrange a sempre ter um ponto de vista, devemos observar desde já que é graças a ele que temos, justamente, um ponto de vista: ele é ao mesmo tempo, o que limita e abre a experiência.” (CARDIM, 2009, p.89)

Se pensarmos pela ótica de Merleau-Ponty, é pelo corpo que somos conduzidos à relação com o meio, colocando, desta forma, o estado de consciência como algo perceptivo, compreendendo a fusão do homem com o mundo como algo encarnado. Merleau-Ponty coloca a consciência como uma função corporal, uma articulação do interior do sujeito com as coisas acontecidas no exterior deste. Defende que mesmo no campo das ciências, ditas como algo verdadeiro, não podemos descartar o “campo de percepção vivido”, salienta a junção entre corpo e alma, e que tais termos não podem ser distinguidos absolutamente, pois é nesta conexão que se funda o imaginário, que se instala um sentido na matéria, “fazendo-o nela habitar, aparecer, ser”. Para Ponty, a alma é o sentido, mas é alcançado pelo viver, mediado pelo corporal, não se podendo separar o sujeito percebido do objeto da percepção,

pois existe uma relacional complementaridade nesta ligação. Temos então um deslocamento e “desdobramento estrutural” do corpo, que agora, pertence às experiências do sujeito, que vive sua corporeidade de forma interna e externa. Quando o ser toca as coisas, também toca a si mesmo, o corpo, sua forma e sua inter-relação com o viver fazem deste corpo “o lugar de inscrição do sensível”.

Assim, resta-lhe a arte como um caminho que salva o ser, que o faz falar e não calar totalmente, pois nela, sujeito reencontra o contato consigo mesmo e com sua essência interior. É no universo das danças, dos contos, das poesias, das interpretações cênicas que encontraremos o homem e seu corpo mediando com o mundo. Passos, gestos e escritos se tornam “vitrines” do sujeito e sua concepção de vida. Emerge daí aquilo que o homem acumula e traz de mais rico em si, sua subjetividade, sua experiência de viver, sua alma.

Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. *Experiência e pobreza*. In: Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política. Vol.1. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana*. In: Sobre arte, técnica, linguagem e política. Lisboa: Antropos, 1992.
- _____. *Experiência*. In: Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. São Paulo: Duas Cidades, Ed.34, 2002.
- CAPPARELLI, Sérgio. *Poesia de bicicleta*. Ilustrações Ana Gruszynski. Porto Alegre, RS: 2009.
- CARDIM, Leandro Neves. *O corpo*. São Paulo: Globo, 2009.
- MAIO, S. R. *Imagens em Walter Benjamin: universo ficcional e Literatura*. In: Revista FronteiraZ, v. 2, n. 2. São Paulo: PUC, dezembro/2008.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. 4ª edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.